

A BATA LHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.562

Sábado, 29 de Dezembro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL
TELEFONE — 5399-C

Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 113

Os delegados portugueses que foram prêsoes em Sevilha iam tratar de assuntos publicamente ventiliados num congresso e não fazer combinações revolucionárias ::

A DETENÇÃO ARBITRARIA dos dois delegados portugueses que foram a Espanha

Não pode um sindicalista ou um anarquista dar um passo que as autoridades burguesas não se alarmem e não inventem para esse passo as mais disparatadas intenções. Os defensores da ordem estabelecida não trazem sossegada a consciência. Lembra certos criminosos que temem a toda a hora que as pessoas honestas adivinhem os seus crimes ou surpreendam os seus segredos, num momento de descuido. Por isso as autoridades burguesas da nossa vizinha Espanha, lá porque dois delegados da Organização Operária Portuguesa desembarcaram em Sevilha tomaram a nuvem por Jano, o sabam que motivos de sobra existem para o povo espanhol se revoltar contra a ditadura, viram na presença dos nossos dois camaradas uma terrível conjura.

passar a véspera de Natal, quem o nome característico de *noche buena*, a polícia apossou-se deles, amarrando-lhes os pulsos e conduzindo-os à prisão. E nasceu assim a *blague* de mau gosto duma revolução comunista na península. Silva Campos e Manuel Joaquim de Sousa haviam sido incumbidos pela Organização Operária de, no cumprimento das resoluções publicamente tomadas no Congresso da Covilhã, avistarem-se com os elementos da Confederação Nacional do Trabalho espanhola e comunicar-lhes as decisões tomadas pelo operariado português no respeitante às relações com o proletariado espanhol. O Congresso manifestou o desejo de que as relações entre os dois países se estreitassem cada vez mais e caso fosse possível as duas organizações, a espanhola e a portuguesa, formassem um organismo federal único a que se poderia chamar a Confederação Ibérica.

A polícia espanhola farejou, ouviu falar em relações entre as duas organizações e — «Eureka!» — estava descoberta uma conspiração revolucionária. Das aquelas notícias alarmantes acerca de combinações tenebrosas e de revoluções ibéricas. Os burgueses podem ir a Espanha trocar amabilidades, falar de união ibérica e outras cousas bonitas; os operários, mal manifestam o desejo de estreitamento de relações, são imediatamente acusados de preparar revoluções na península — a pontapé! apontando às redes capitalistas no traqueio infinito de furá-las com um aguilão. As autoridades portuguesas forneceram aos dois cativos de Espanha os meios legais para atravessarem a fronteira, a elas competo demonstrar que cobriram com a capa da legalidade não dois revolucionários desportivos, mas apenas dois delegados operários que iam a Espanha tratar de assuntos que publicamente se tinham ventilado em Portugal. Impõe-se a imediata clarificação da situação dos dois presos.

POR ESSE MUNDO FORA

INGLATERRA

Acôrdio de salários
LONDRES, 26.—A União Geral dos Trabalhadores de Transportes dá a notícia formal de que deseja terminar o acôrdio a que estão submetidos os salários e as condições de trabalho. Esse acôrdio fixava originariamente para os trabalhadores das docas o salário de 16 shillings por dia nos grandes portos e de 15 shillings nos pequenos portos. Desde que o salário mínimo tem sido periodicamente reduzido para 11 e 10 shillings e uma nova redução se fez de 1 shilling por dia no verão passado, declararam-se as greves de Londres, Hull e Liverpool.

Os «boches» ingleses
LONDRES, 27.—Depois de 38 horas de experiências secretas no mar, o novo gigante submarino inglês, X1, o maior submarino no mundo, voltou para o Arsenal de Catham no sábado. O X1 é não só o maior submarino do mundo, mas também o de maior velocidade. A sua velocidade, à superfície é de 32 nós, tornando-o apto a acompanhar os navios numa esquadra de combate mesmo quando a navegar a toda a velocidade. Desenhado como um navio de «recorder» comercial com uma velocidade de um «destroyer», conduz um único armamento de submarino. O seu deslocamento é de 3.500 toneladas e a sua tripulação será de 100 homens, incluindo 20 artifices da casa das máquinas. Além dos acessórios da ordem, o seu custo será de 200.000 libras. Foi por causa deste submarino que a polícia invadiu em Junho, por várias vezes, a redacção dum diário operário, por este ter publicado a fotografia do navio. —(E.)

OS QUE MORREM

Alfredo Ferreira da Silva

Um grande artista que desaparece :: sem deixar quem o substitua ::

Mais um lugar fica vago na scena portuguesa! Morreu Joaquim de Almeida — o seu posto está por preencher. Faleceram os irmãos Rosas — e os seus continuam desamparados. Morreu a Virginia — não apparece ainda quem a substitua. Morreu por a scena Angela Pinto — e até hoje ainda não se obriga actriz que possa substituí-la, como se a arte de representar estivesse condenada a desaparecer. Agora calha a vez a Ferreira da Silva. Há muito tempo que a doença impossibilita este artista ilustre de pisar os tabuleiros scenicos, onde a sua falta era diariamente sentida. Era frequente ouvir-se dizer nos intervalos dos espectáculos a que se assistia: Fulano não vai mais, mas se aquele papel fosse feito pelo Ferreira da Silva. Diz-se que as pessoas que desaparecem deste mundo deixam sempre quem os substitua nos seus cargos com vantagens. É possível que noutras manifestações do labor humano isto seja um axioma; no teatro é uma grande mentira. E por mais que sejas avessos ao culto pelos mortos, temos que evocar a cada passo essas figuras prestigiosas que por longo tempo, merecê das suas interpretações correctissimas, de montagens scenicas apropriadas ou suntuosas, de elencos artisticos bem organizados onde para a sua constituição presidiu o desejo de apresentar conjuntos modelares nos desempenhos e não — como hoje acontece — a ansia de fazer brilhar a estrela ou — primeira figura masculina, tornaram coisa digna de teatro português.

Pessoas que fazem do optimismo uma religião ou um negócio esbafam-se a declarar que as coisas de teatro não estão tam más como as plantas. Que o teatro ainda tem grandes e consagrados nomes a prestigiar-se — como Chaby e António Pinheiro, Joaquim Costa, José Ricardo e Brazão. Que existe um núcleo de artistas novos capazes de preencherem os lugares dos que a morte vai ceifando — Alves da Cunha, Ribeiro Lopes, Rafael Marques, Clemente Pinto e outros que dia a dia vão aparecendo com o fulgor das suas habilidades. É certo, ainda restam alguns nomes a dar brilho à nossa minguada falange teatral. O que, porém, nenhuma dessas individualidades possui é o que possuam esses artistas que vão desaparecendo — um altissimo ideal de arte, como tinham os Rosas, que sacrificavam os interesses da empresa aos seus escrúpulos de artistas, Ferreira da Silva, que nunca desceu a interpretar obras que não estivessem à altura da sua probidade artistica, e Lucinda Simões, que chegou a arruinar-se para com a sua ruina financeira poder cumprir as exigências que lhe impunham certas peças que ensenou.

que mais empolgaram a minha intelligencia e a minha sensibilidade. E' o Harpagão alucinado pela avareza; o ferrador João da Cruz a rir e a solenizar juntamente ao ver a filha dóida; o morgado de Fafe respirando saúde, simplicidade e ridiculo; o camancheiro cheio de ternura e ansia de liberdade; o rei Lear a suportar diante de nossos olhos martirizados toda a gama das amarguras humanas; D. Pedro Caruso, vivendo a um tempo os efeitos do alcoolismo e a dor cruciante de ver a filha perdida. O pai de Strindberg, era brutal na interpretação de Ferreira da Silva. Era brutal e doloroso, arrastador — para o intérprete, que ficava aniquilado — para o público, preso à pormenorização desse trabalho assombroso. O Guenet da *Emboacada*, saia da interpretação do seu criador entre nós com uma seriedade trágica que arripiava. O Snyloc, era impressionante de verdade, era arrebatador. A sua avareza, a sordidez da sua alma de trapaceiro, a velhacaria dos seus gestos, dos seus modos e das suas palavras tiveram no artista que o teatro acaba de perder um intérprete modelar, que surpreenderia, se fosse possível alguém voltar de outro mundo, o próprio Shakespeare.

ROMENIA
Odio de raças
BUCAREST, 28.—A situação da Universidade de Bucarest agrava-se devido ás manifestações contra os judeus dentro atingindo uma violência extraordinária. Várias escolas estão sendo guardadas pelas tropas.

MÉXICO
Os rebeldes perdem terreno
EL PASO, 28.—As tropas federais dominam agora todo o território da república, exceptuando a zona ocupada ainda pelos generaes Sanchez e Estrada. As tropas governamentais avançam para Guadalupe e não podendo os rebeldes oferecer-lhes resistência.

INDIA
Uma «avalanche» mata 9 pessoas
CAMBAL, 28.—Uma «avalanche» arrastou um «chali» derrubando e esmagando e matando nove das onze pessoas que o ocupavam.

JAPÃO
O atentado contra o príncipe regente
TOKIO, 28.—O rapaz que pretendia matar o príncipe regente Heroto, desfechou um pistola automática sobre o automóvel. O príncipe ficou ileso. Um dos tiros estilhaçou a janela do automóvel. O governo pediu a demissão.

FRANÇA
Redução de país da pátria
PARIS, 28.—Caiu boa impressão a aprovação da proposta do Louchour reduzindo o número de deputados de 620 para 591.

Tempestades na Saboia
PARIS, 28.—A fusão das neves e as «avalanches» causaram grandes estragos na Saboia e na Alta Saboia interrompendo a circulação e soterrando várias casas. Alguns rios saíram fora dos seus leitos produzindo inundações nos campos que causaram prejuizos importantes.

ARGÉLIA
Desaparecimento dum dirigivel
ARGEL, 28.—Receberam ordem de marchar para o sul da provincia de Argélia os acroplanos que aqui fazem serviço para procurarem o dirigivel Dixmud. Desde sexta-feira que o dirigivel não envi qualquer mensagem supondo-se que os seus tripulantes desembarcaram do deserto.

SECÇÃO TELEGRAFICA
Federações
MOBILIÁRIA
Braga.—S. U. Mobilidário.—Seguem os pólos.
Pórtos.—S. U. Mobilidário.—Idem.
Faro.—Ass. de Cl. Operários Mobilidários.—Segue officio; respondam em 11 horas.

Conferência inter-sindical

Tese sobre a nova estrutura a dar às Unões de Sindicatos, instituindo as Juntas Sindicais e a Câmara Sindical de Lisboa

sendo objectivo fundamental do Socialismo a abolição do sistema capitalista com todos os seus órgãos, está logicamente indicado que o Socialismo reinventaria para os seus quadros toda a função social.

fundamentais: a produção e o consumo. Na base encontra-se o proletariado produtor e simultaneamente consumidor.

As Unões de Sindicatos constituem-se com a representação de agrupamentos de produtores. Mas como podem os delegados dos sindicatos conhecer e tratar das questões que interessam o proletariado consumidor de cidades de grande área como Lisboa e Pórtos? Quando muito os referidos delegados podem conhecer uma questão no seu geral, como, por exemplo, a elevação do custo da água. Mas a questão das águas, como de resto todas as outras, não tem só o aspecto geral; elas por vezes apresentam aspectos particulares que variam de bairro para bairro e dentro deste aspecto os delegados dos sindicatos podem, quando muito, conhecer o bairro onde tem a sua residência e mesmo assim com a actual estrutura não conseguem defender-se, nem os moradores desse bairro podem agitar-se de modo a tratar dos seus interesses locais.

Apreciando-se o problema económico sob dois aspectos: a produção e o consumo, procurar o equilibrio destes dois factores é realizar tanto quanto possível a máxima: De cada um, segundo as suas forças e a cada um conforme as suas necessidades.

Como produtor e assalariado ele agrupa-se em sindicatos profissionais onde directamente trata das questões que o interessam como produtor.

Estas razões levam-nos ao convencimento de que é indispensável dar uma nova estrutura às Unões de Sindicatos, dotando-as de novos órgãos onde o proletariado consumidor se agrupe e defenda os seus interesses.

O mal estar de que enferma a humanidade é derivado do desequilibrio social provocado pela existência das duas classes — a produtora, composta pelas camponeses, operários, empregados, professores, médicos, engenheiros, artistas e por todos aqueles que tem uma função útil, que tudo produzem, mantendo na ociosidade a outra classe: a dos comerciantes, dos senhorios, dos banqueiros, politicos, etc., de todos aqueles que vivem do esforço alheio.

Os sindicatos, por sua vez, agrupam-se também, nacionalmente por indústrias, criando as respectivas federações, e por localidades fundando as Unões de Sindicatos.

Quando a função, devem os sindicatos preocupar-se dos interesses profissionais ou industriais, questões estas que não são restritas a uma profissão; daqui resulta o agrupamento dos sindicatos profissionais nas federações. Há ainda aspectos de reclamações que envolvem o interesse das demais profissões douras indústrias, e assim, é ás Unões de Sindicatos da localidade respectiva que cumpre occupar-se daquelas questões, intensificando-as, quando se trata de regalias a conquistar ou tornando-as extensivas ás demais classes, quando só trata de as defender.

Da existência das duas classes com os seus interesses antagonicos, resulta o agrupamento do proletariado para a defesa e conquista do seu direito à vida.

Quando a função, devem os sindicatos preocupar-se dos interesses profissionais ou industriais, questões estas que não são restritas a uma profissão; daqui resulta o agrupamento dos sindicatos profissionais nas federações.

Quando a função, devem os sindicatos preocupar-se dos interesses profissionais ou industriais, questões estas que não são restritas a uma profissão; daqui resulta o agrupamento dos sindicatos profissionais nas federações.

Este agrupamento, que parte do sindicato para a federação e desta para a confederação, cria, pelos motivos perigosos da sua própria razão de ser e da sua condição, uma doutrina de acção pelo movimento de massas, integrando-as no seu quadro reivindicador fora de toda a escola politica ou religiosa que divide os homens numa acção estéril. E' pois o sindicato que reúne os trabalhadores e lhe dá uma unidade de dentro da sua consciência de explorado e de produtor e é nele que os trabalhadores se treinaem pela posse dos seus destinos, procurando sempre, incessantemente, a sua completa emancipação.

Além destas funções, as Unões de Sindicatos tornam mais lata a sua esfera de acção, e daí as questões que estes organismos tem tratado de interesses do proletariado consumidor tais como as questões do inquilinato, águas, instrução, solidariedade, etc., etc.

Quando a função, devem os sindicatos preocupar-se dos interesses profissionais ou industriais, questões estas que não são restritas a uma profissão; daqui resulta o agrupamento dos sindicatos profissionais nas federações.

Ha um factor de capital importância para o socialismo: é o actual momento internacional, cheio de convulsões e de surpresas, do qual nos não podemos alhear.

É pois este aspecto do problema que nos interessa tratar nesta tese, porque a estrutura das Unões de Sindicatos não é de molde a acutelar devidamente os interesses afins do proletariado consumidor. Vejamos:

Quando a função, devem os sindicatos preocupar-se dos interesses profissionais ou industriais, questões estas que não são restritas a uma profissão; daqui resulta o agrupamento dos sindicatos profissionais nas federações.

A Revolução Social é apenas um meio e não uma finalidade; ela deve visar a instituição dos novos meios de produção e de distribuição, objectivo este previamente estudado dentro do âmbito da organização dotando-se esta dos órgãos necessários para, com vantagem, poder-se antepôr à organização da burguesia a fim de que o futuro pertença à grande legião dos produtores.

O magno problema económico assenta sobre dois pilares que lhe são



Amena conversa de honrados comerciantes